

Luciano. *Diálogos dos Mortos*. Versão bilingüe Grego/Português. Organização e Tradução: Henrique G. Murachco. São Paulo, Edusp / Editora Palas Athene, 1996.

*Elisa Guimarães**

Ainda que a teoria e a prática da tradução abundem em problemas complexos, o leitor do texto *Diálogos dos Mortos*, de autoria de Luciano de Samósata e traduzido por Henrique G. Murachco, desfruta da comodidade de uma leitura amena, agradável, das mais enriquecedoras. Ao tradutor cabe a tarefa de fazer equivalerem sistemas lingüísticos diferentes – o que implica o percurso de caminhos particularmente árduos.

Não são difíceis de imaginar, portanto, os escolhos oferecidos por um texto dessa natureza a quem se proponha traduzi-lo.

Nem por isso, contudo, a obra deixa de exibir um resultado que revela hábil manejo da pena do bom tradutor: a descoberta, no vernáculo, senão de equivalências, ao menos de aproximações daqueles lances de espelhamento ou consubstancialidade entre significado e significante presentes no texto original.

Aliás, este é o propósito sob cuja luz o tradutor confessa ter-se colocado, quando declara: “O tradutor (...) deve ficar na sombra e fazer a luz incidir onde deve, isto é, sobre a obra como o autor a criou” (p. 39).

O texto traduzido acumplicia-se, pois, com um criterioso trabalho de fidelidade ao original, numa tentativa consciente de debelar o temor subconsciente de haver traído o autor.

A reprodução, na íntegra, do original em Grego clássico em cotejo com o texto traduzido apresenta, numa primeira versão para a Língua Portuguesa, os *Diálogos dos Mortos* – pequenas obras-primas onde o autor Luciano enfeixa matéria de sumo interesse.

(*) Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH/USP.

Matéria cuja essência é habilmente manipulada pela competência do tradutor que penetra nos meandros da mensagem, atinge o âmago da idéia e a traz de volta revestida de roupagem nova. E a tradução passa a ser vista como cópia transformada, muito mais do que como resultado de um momento criador.

Sabe-se que não basta ao tradutor unicamente o domínio do léxico, da sintaxe e da semântica da língua de partida. Faz-se necessário amplo conhecimento da cultura e civilização que produziu tal língua.

Eloqüente ilustração desse princípio são as considerações tecidas na introdução da obra, bem como as notas esclarecedoras dos efeitos visados no original, para as quais o tradutor remete o leitor.

Tem-se aí um precioso manancial de informações, a começar por dados biográficos do autor dos *Diálogos* – apresentado, a um tempo, como reformador de idéias e criador de formas.

Panfletário, moralista, polêmico, Luciano inclina-se a explorar temas sugeridos por acontecimentos ou incidentes do dia-a-dia, bem como por suas muitas leituras ou entretenimentos com amigos.

A esses dados o tradutor acopla elucidativos comentários sobre *História Verdadeira* – obra satírica –, *O Asno* ou *Lúcio* – novela picaresca –, *Acusado duas vezes* – obra em que o réu é o próprio Luciano, acusado pela Retórica por a ter abandonado, e pelo *Diálogo* por o ter traído e deformado.

Completam ainda o ato tradutório que, segundo Ortega y Gasset, “é um caminho até a obra original”¹ as notas de referência no final de cada diálogo, que dinamizam uma espécie de segundo contexto - um contexto implícito, tão importante quanto o contexto explícito, para explicar as dificuldades do texto e para supri suas eventuais lacunas.

Cercam-se essas notas de rica variedade de assuntos, oferecendo ao leitor o deleite de recapitular conhecimentos de História e Mitologia Grega, de Geografia, de Etimologia, de Filologia, de

(1) “Miséria y Esplendor de la Traducción” In: *Misión del Bibliotecário*. Madrid, Revista do Ocidente, 1967, 2ª ed., p.130.

Versificação, e até mesmo de Botânica, como se lê no verbete “elébora ou heléboro: planta da família das liliáceas – comum na Europa; – o rizoma dela contém um vermífugo e purgativo drástico. Os antigos atribuíam a essa planta a cura da loucura” (p.83).

A variedade e a riqueza das notas situam o trabalho do tradutor no âmbito da translação – termo criado pelos editores da Revista alemã “*TexTconTexT*” para designar ao mesmo tempo tradução e interpretação.

São freqüentes as notas interpretativas, como se pode observar na seguinte passagem: “Luciano joga muito com o senso comum. Aqui ele se serve de dois provérbios muito conhecidos: “não se tira de quem não tem” – “saco vazio não pára em pé” (p. 56).

Sente-se, pois, o tradutor dando conta do contexto situativo-cultural em que se enquadra a obra original, conscientizando-se de todas essas dimensões de situação, por meio das quais se manifesta o sentido no texto. Dispõe por isso de condições para estabelecer a equivalência ideal de sentido entre o texto-fonte e o texto em tradução.

A fidelidade ao original, a introdução e as notas explicativas fazem da tradução de Henrique G. Murachco um trabalho de erudito, uma lição de professor cuja competente dedicação seus alunos da Universidade de São Paulo muito têm a louvar e a agradecer.

A formação teórico-prática do tradutor reflete-se em toda a obra – esta alicerçada em sólida base científica – o que a aponta como guia indispensável, não só para os que se iniciam nesse campo, como ainda para aqueles que se dedicam já há algum tempo às tarefas de tradução.